

ADOLESCÊNCIA E VIDA SEXUAL: O RETRATO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DA REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO

Jean Carlos Miranda¹.

RESUMO

O presente trabalho objetivou identificar, a partir da aplicação de um questionário, aspectos da vida sexual de alunos de uma escola pública da região metropolitana do Rio de Janeiro. Sessenta e nove dos 171 alunos participantes declararam ter vida sexual ativa. A curiosidade foi o principal fator motivador para a iniciação sexual. Família e escola foram citadas como as principais fontes de informação sobre temas relacionados à sexualidade. Assim como em outros estudos, AIDS e gonorreia foram as Doenças Sexualmente Transmissíveis mais citadas. Apesar do baixo índice de promiscuidade, muitos alunos afirmaram não fazer uso regular de preservativos em suas relações sexuais, o que mostra a necessidade de um trabalho contínuo de conscientização a respeito dos cuidados e responsabilidade que uma vida sexual ativa exige.

Palavras-chave: *adolescência; vida sexual; escola pública.*

ADOLESCENCE AND SEXUAL LIFE: A REPRESENTATION OF A PUBLIC SCHOOL IN THE METROPOLITAN REGION OF RIO DE JANEIRO

ABSTRACT

The present study aimed to identify, from a questionnaire, aspects of sexual life of students in a public school in the metropolitan region of Rio de Janeiro. Sixty-nine of the 171 participating students reported having active sex life. Curiosity was the main motivating factor for sexual initiation. Family and school were cited as the main sources of information on issues related to sexuality. As well as other studies, AIDS and gonorrhoea are sexually transmitted diseases most frequently mentioned. Despite the low rate of promiscuity, many students said they do not regularly use condoms in their sexual relationships, which shows the need for continued work to raise awareness about the care and responsibility that requires an active sex life.

Keywords: *adolescence; sexual life; public school.*

¹ Universidade Federal Fluminense, Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior.

INTRODUÇÃO

Questões referentes à vida sexual sempre estiveram presentes entre educadores e responsáveis pela educação de crianças e jovens. Porém, ainda poucos são os responsáveis que dialogam sobre o tema abertamente com os filhos, e nas escolas, muitos profissionais não se sentem à vontade para “tocar” nesse assunto. Apesar disso, a escola tem sido apontada como importante espaço de intervenção sobre a sexualidade adolescente (1).

São comuns os conflitos entre pais e filhos, professores e alunos, e também a omissão dos mais velhos na orientação sexual do educando. Como consequência, observamos um aumento acentuado da prematuridade da vida sexual, que na maioria das vezes acontece de maneira equivocada com informações distorcidas, dúvidas e incertezas. Somado a isto, pode-se verificar um alto grau de promiscuidade, um comportamento que possibilita se não forem tomados os devidos cuidados, um aumento do número de casos de pessoas infectadas com Doenças Sexualmente Transmissíveis. O que torna isto ainda mais sério é o fato destas pessoas não receberem uma educação sexual adequada.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (2) propõem a compreensão da sexualidade como algo inerente à vida e a orientação sexual como uma questão social urgente que deve ser tratada nas escolas de maneira mais frequente. Apontando ainda para a importância da execução de trabalhos sistemáticos, visto que este assunto é essencial para a formação da identidade dos indivíduos.

O presente trabalho teve por objetivo, traçar um diagnóstico no que diz respeito à vida sexual dos alunos do Colégio Estadual Lauro Corrêa, abordando temas como: o início da vida sexual, o uso de preservativos e acesso a informações. E a partir de então propor a criação de um espaço de discussão

de questões relativas à sexualidade, disponibilizando informações que possam esclarecer dúvidas e fornecer subsídios científicos, visando a formação da identidade dos alunos.

MATERIAL E MÉTODOS

Em 2010, após uma série de discussões sobre questões relacionadas à vida sexual dos adolescentes, foi proposto a uma turma de 3º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Lauro Corrêa, localizado no Município de São Gonçalo, região metropolitana do estado do Rio de Janeiro a realização de uma pesquisa diagnóstica como ponto de partida para a realização de um trabalho a ser apresentado na Feira Interdisciplinar realizada naquele ano. Para tal, foi elaborado um questionário composto por sete perguntas: (i) Você tem vida sexual ativa?; (ii) O que motivou sua iniciação sexual?; (iii) Você tem liberdade para conversar sobre sexo com seus pais/responsáveis?; (iv) Você tem acesso a informações sobre temas relacionados à vida sexual? Onde?; (v) Qual o número de parceiros regulares? (vi) Você faz uso de preservativos?; (vii) Possui conhecimentos sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST)? Cite exemplos de DST. O questionário foi aplicado em oito turmas (do 9º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio) do primeiro e segundo turno.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O questionário foi aplicado a 171 alunos do primeiro e segundo turnos, com idades entre 14 e 19 anos, dos quais 69 (23 do primeiro turno; 46 no segundo turno – 40,35%) admitiram ter vida sexual ativa (Figura 1). A curiosidade foi citada como principal motivador para o início da vida para alunos dos dois turnos, seguida da influência dos amigos e parceiros (Figuras 2 e 3).

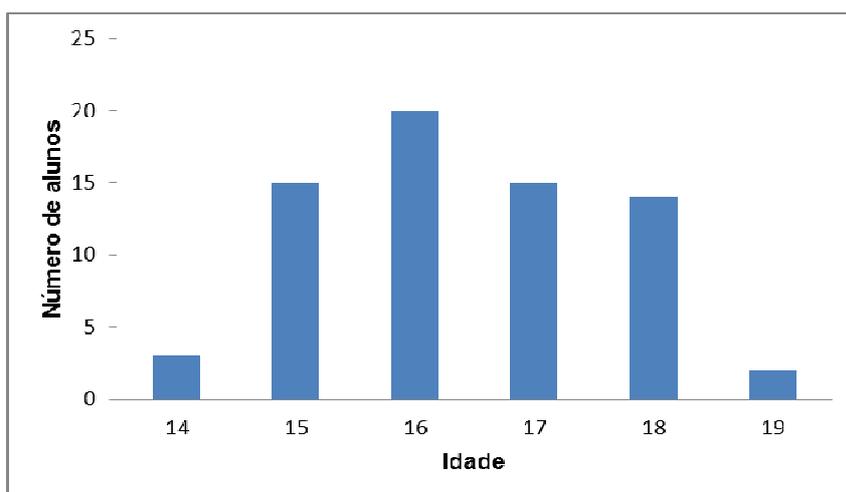


Figura 1. Número de alunos com vida sexual ativa.

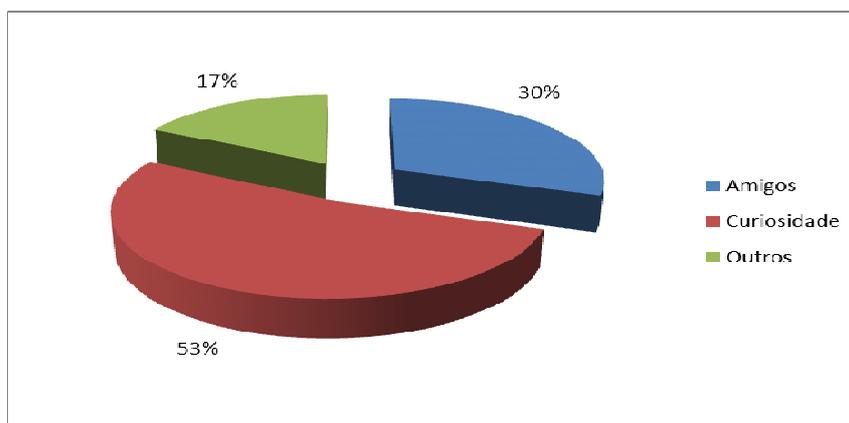


Figura 2. Motivação para início da vida sexual entre alunos do primeiro turno.

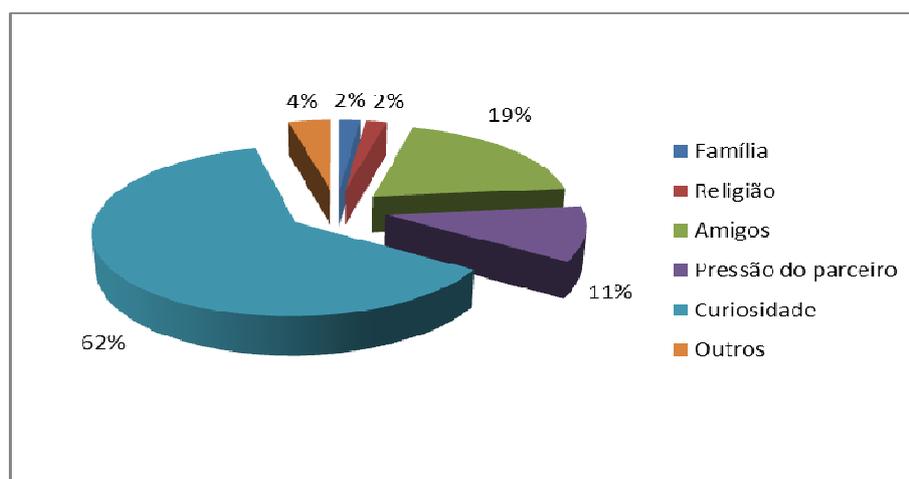


Figura 3. Motivação para início da vida sexual entre alunos do segundo turno.

Verificou-se que a idade média do início da vida sexual é 14,5 anos para os alunos de ambos os turnos, corroborando com estudos recentes realizados pela Organização Mundial da Saúde (3). Vários autores (4,5) apontam a tendência de uma diminuição da idade da primeira relação sexual. Tal situação torna-se motivo de preocupação de pais e educadores, uma vez que o nível de maturidade dos adolescentes é insuficiente (6) para lidar com os problemas decorrentes dessa realidade (gravidez, aborto, DST, etc.).

A falta de comunicação, a cobrança dos grupos sociais, a influência da mídia e a falta de diálogo com os pais são alguns dos fatores apontados por Rappaport (7) para o adiantamento da iniciação sexual dos adolescentes.

A falta de diálogo com os pais parece não ser um fator determinante para a iniciação sexual dos entrevistados, uma vez que mais de 65% dos alunos de ambos os turnos afirmaram ter liberdade para conversar com os pais sobre questões relacionadas à vida sexual (Figuras 4 e 5).

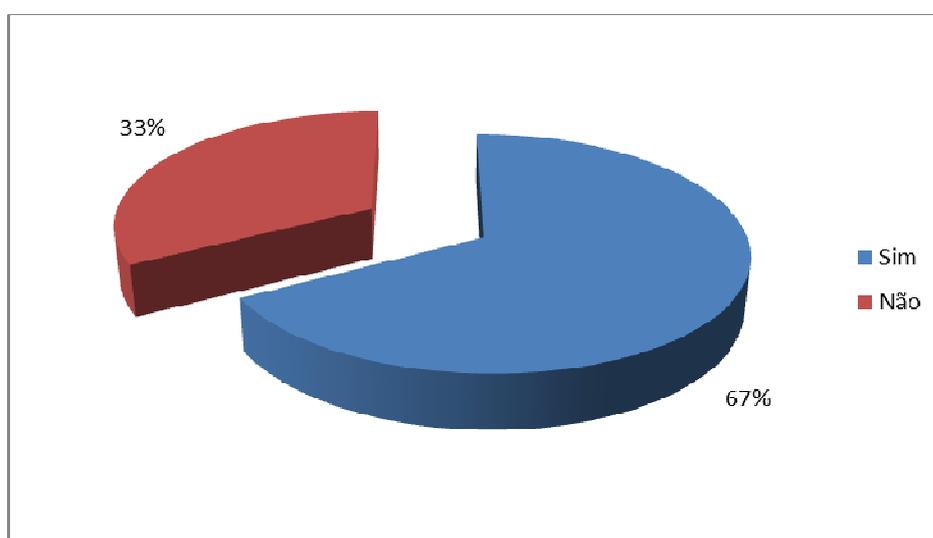


Figura 4. Percentual de alunos do primeiro turno que tem liberdade para conversar sobre sexo com os pais.

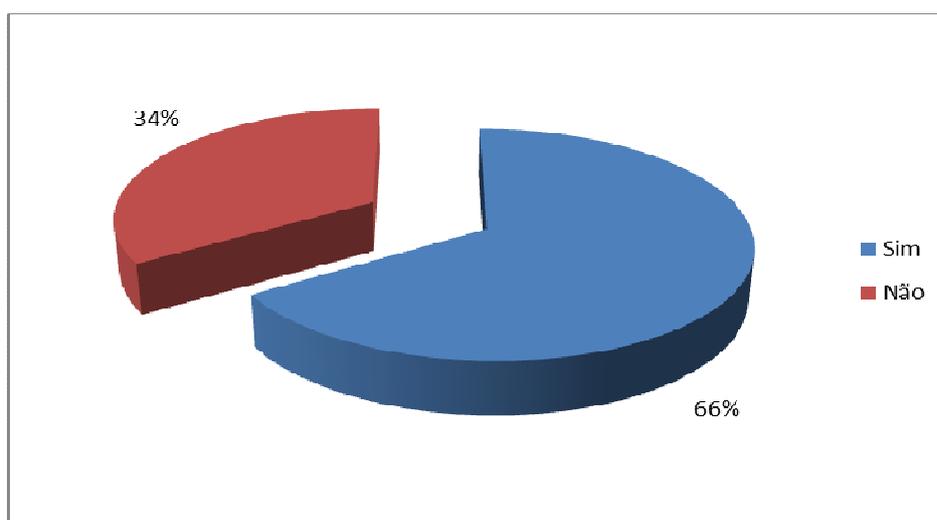


Figura 5. Percentual de alunos do segundo turno que tem liberdade para conversar sobre sexo com os pais.

A maioria dos alunos entrevistados afirmou ter acesso às informações sobre os temas relacionados à sexualidade (Figuras 6 e

7). Família e escola foram as principais fontes de informação citadas.

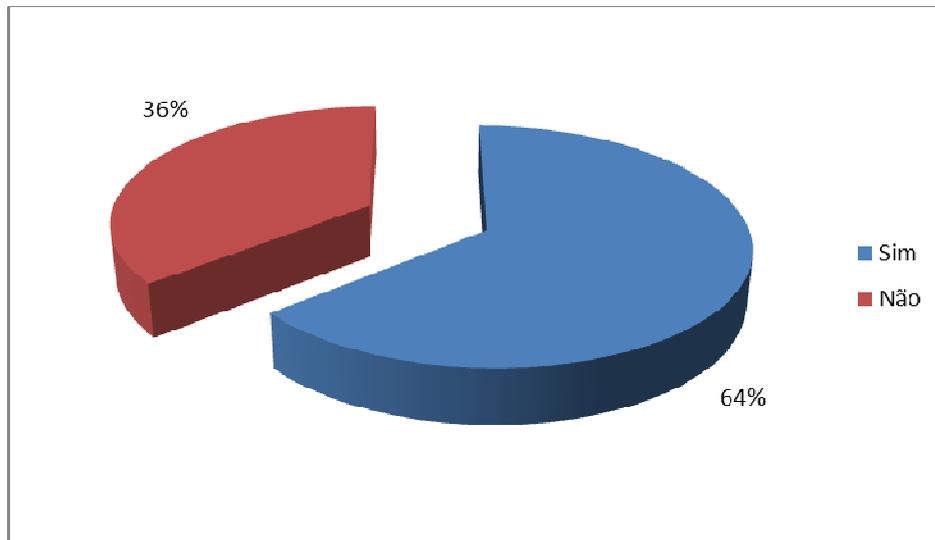


Figura 6. Percentual de alunos do primeiro turno com acesso a informações sobre sexualidade.

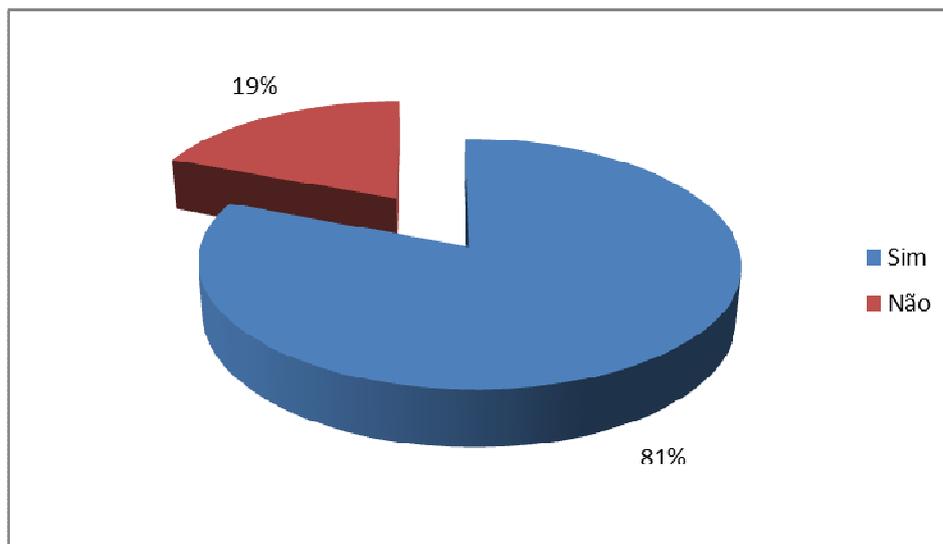


Figura 7. Percentual de alunos do segundo turno com acesso a informações sobre sexualidade.

Conforme destacado por Ressel et al. (8), assuntos relacionados à sexualidade eram considerados, até pouco tempo atrás, grandes tabus e frequentemente, repreendidos no ambiente familiar. Nos dias atuais, tal situação tem se modificado, conforme verificado no presente estudo. A comunicação e o relacionamento entre pais e filhos e a estrutura

familiar são fatores que podem determinar a decisão de iniciar a vida sexual (9).

Com relação ao número de parceiros sexuais, verificou-se que 45% dos alunos do primeiro turno que tem vida sexual ativa se relacionam com apenas um parceiro, enquanto que entre alunos do segundo turno esse valor chegou a 75% (Figuras 8 e 9).

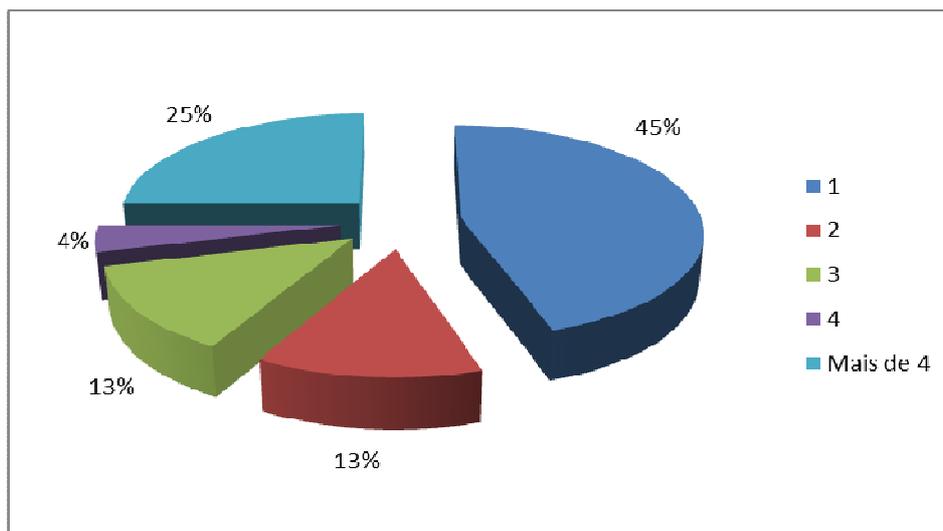


Figura 8. Número de parceiros regulares entre alunos do primeiro turno com vida sexual ativa.

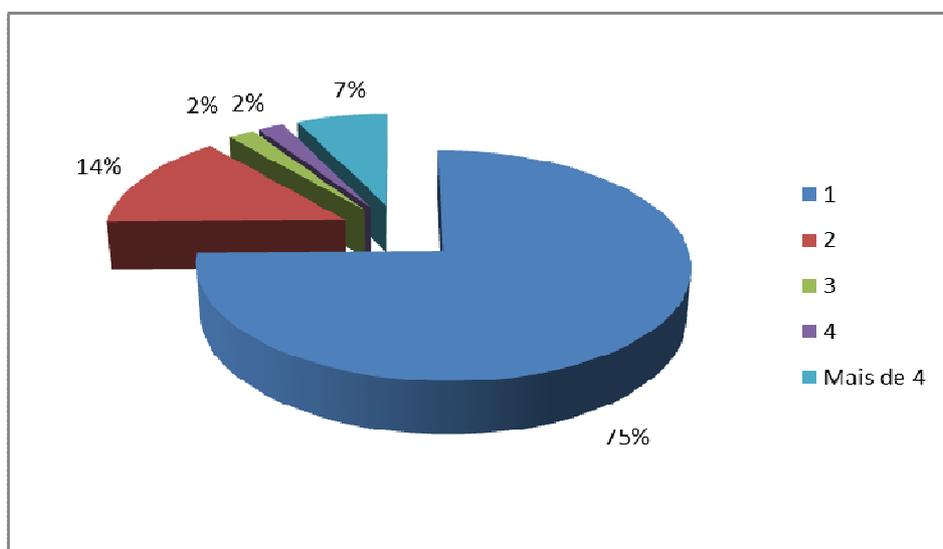


Figura 9. Número de parceiros regulares entre alunos do segundo turno com vida sexual ativa.

Isso talvez explique o grande percentual de alunos que afirmaram nunca fazer uso de preservativos ou fazê-lo somente às vezes (Figuras 10 e 11). Jeolás e Ferrari (10) destacam que apesar de muitos estudos mostrarem elevados índices de conhecimentos sobre as formas de transmissão de DST, muitos jovens não fazem uso de preservativos

em todas as relações sexuais. Soma-se a isso o sentimento de “onipotência” típico do adolescente (11), que os faz acreditar que estão imunes aos perigos relacionados à vida sexual. Segundo Taquette et al. (12) há uma grande lacuna entre o nível de conhecimento e o uso de preservativos.

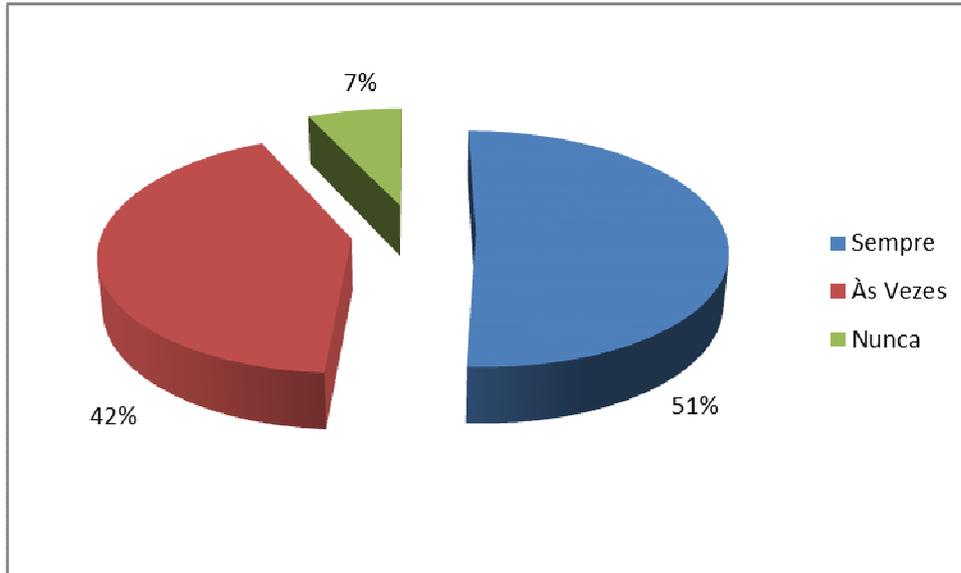


Figura 10. Frequência do uso de preservativos por alunos do primeiro turno.

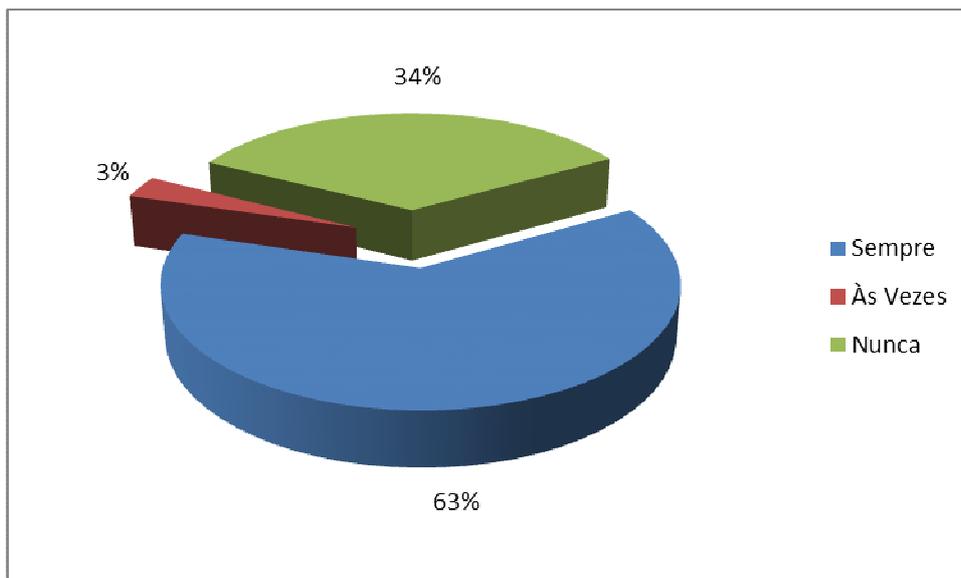


Figura 11. Frequência do uso de preservativos por alunos do segundo turno.

Pereira e Costa (13) verificaram, em um estudo sobre o conhecimento sobre AIDS entre alunos do ensino médio, que a não utilização de proteção nas relações sexuais está relacionada ao tempo de relacionamentos dos parceiros. Segundo as autoras, os alunos associam o tempo de relacionamento e o uso de preservativo de uma forma inversamente proporcional: quanto maior o tempo de relacionamento, menor a necessidade de proteção. Segundo Brêtas et al. (14), no imaginário adolescente, os riscos de se adquirir AIDS/DST é eliminado quando se conhece o parceiro.

No que diz respeito ao conhecimento sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis, tem-se que a AIDS destacou-se como a mais citada em ambos os turnos (67% no primeiro turno; 75% no segundo turno), seguida por gonorreia e sífilis (Figuras 12 e 13). Resultado semelhante foi registrado em estudos realizados por Düsman et al. (15) e Jeolás e Ferrari (10). Não houve relatos de ocorrência de DST entre os alunos entrevistados. Tal situação pode significar desconhecimento sobre de sinais e sintomas das DST (16).

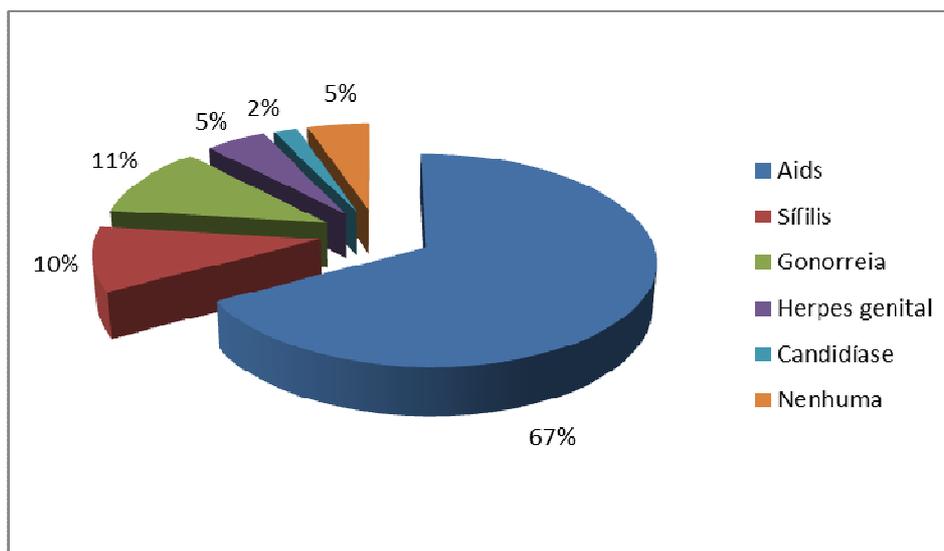


Figura 12. Principais Doenças Sexualmente Transmissíveis citadas pelos alunos do primeiro turno.

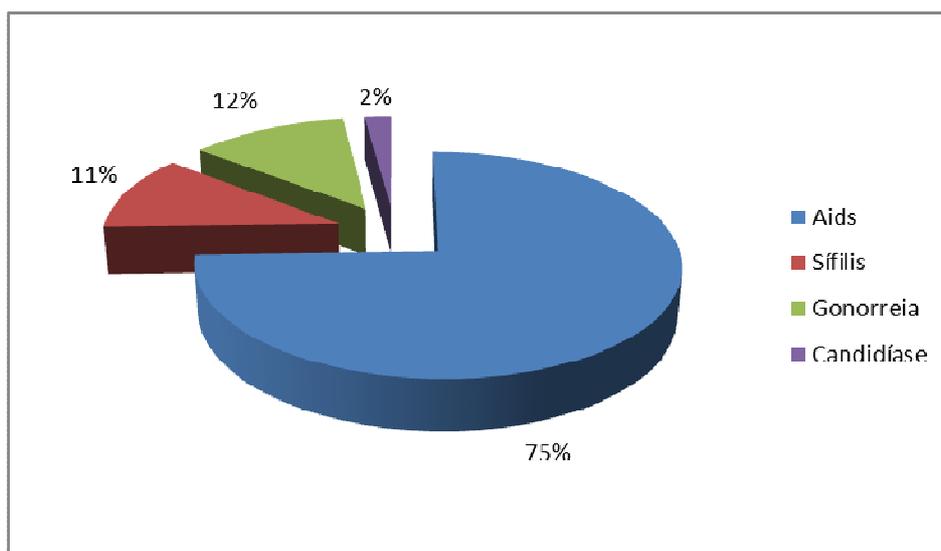


Figura 13. Principais Doenças Sexualmente Transmissíveis citadas pelos alunos do segundo turno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos reforçam a necessidade/importância de um trabalho diferenciado no que tange a educação sexual dos adolescentes, pois é nessa fase que se acentua a curiosidade sobre as questões relacionadas à sexualidade. Uma das ações propostas como desdobramento deste trabalho, foi a realização de palestras em um evento denominado “Semana (DDD):

Dinâmica, Divertida e Diferente”. Nestas palestras, os temas abordados foram definidos a partir de dúvidas apresentadas (previamente) pelos alunos por meio de um formulário onde constava a dúvida, nome do aluno (preenchimento não obrigatório) e sua turma. A partir das dúvidas apresentadas, as palestras foram elaboradas em um formato “bate-papo”, de forma que os alunos tivessem oportunidade de expressar suas opiniões e apresentarem novos questionamentos. Em outras oportunidades foram realizadas

palestras para os alunos com o tema “Consequências de uma gravidez não planejada” e para os pais e responsáveis com o tema “Adolescência: um bicho de sete cabeças?”

A escola, em parceria com a família, deve atuar como um ambiente de abordagem e discussão destes temas e no desenvolvimento de um trabalho contínuo de conscientização a respeito dos cuidados e responsabilidade que uma vida sexual ativa

exige, garantindo o acesso a informações e levando-os a refletirem sobre sua sexualidade.

AGRADECIMENTOS

Às professoras Patrícia Ribeiro da Cruz Assis Lobato e Ana Cristina Freitas Dias (direção do Colégio Estadual Lauro Corrêa) pelo apoio a realização deste trabalho e aos alunos da turma 3001 (2010) pelo auxílio na aplicação dos questionários.

Jean Carlos Miranda.

*Endereço para correspondência: Universidade Federal Fluminense, Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior. Avenida João Jasbick, s/nº. Aeroporto 28470-000 Santo Antônio de Pádua, RJ – Brasil
e-mail: jeanmiranda@id.uff.br*

Recebido em 29/10/2012

Revisado em 12/12/2012

Aceito em 06/03/2013

REFERÊNCIAS

- (1) ALTMANN, H. Orientação sexual em uma escola: recortes de corpo e de gênero. **Cadernos Pagu**, v.2, p.281-315, 2003.
- (2) BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- (3) IBGE. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar**. Rio de Janeiro, 2009.
- (4) LOPES, G.; MAIA, M. Desinformação sexual entre gestantes adolescentes de baixa renda. **Revista Sexologia**, v.2, n.1, p.30-33, 1993.
- (5) TAQUETTE, S.R.; RUZANY, M.H.; MEIRELLES, Z.; RICARDO, I. Relacionamento violento na adolescência e risco de DST/AIDS. **Cadernos de Saúde Pública**, v.19, n.5, p.1437-1444, 2003.
- (6) GOMES, W.A.; COSTA, M.C.O.; SOBRINHO, C.L.N.; et al. Nível de informação sobre adolescência, puberdade e sexualidade entre adolescentes. **Jornal de Pediatria**, v.78, n.4, p.301-308, 2002.
- (7) RAPPAPORT, C. **Encarando a adolescência**. São Paulo: Ática, 1995.
- (8) RESSEL, L.B.; JUNGES, C.F.; SEHNEN, G.D.; et al. A influência da família na vivência da sexualidade de mulheres adolescentes. **Escola Anna Nery**, v.15, n.20, p.245-250, 2011.

- (9) BORGES, A.L.V.; LATORRE, M.R.D.O.; SCHOR, N. Fatores associados ao início da vida sexual de adolescentes matriculados em uma unidade de saúde da família da zona leste do município de São Paulo, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v.23, n.7, p-1583-1594, 2007.
- (10) JEOLÁS, L.S.; FERRARI, R.A.P. Oficinas de prevenção em um serviço de saúde para adolescentes: espaço de reflexão e de conhecimento compartilhado. **Cadernos de Saúde Pública**, v.8, n.2, p.611-620, 2003.
- (11) SUPLICY, M.; EGYPTO, A.C.; BRANCO, C.C.; et al. **Sexo se aprende na escola**. São Paulo: Olho d'água, 1995.
- (12) TAQUETTE, S.R.; VILHENA, M.M.; PAULA, M.C. Doenças sexualmente transmissíveis na adolescência: estudo de fatores de risco. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, v.37, n.3, p.210-214, 2004.
- (13) PEREIRA, M.R.; COSTA, R.G.S. Sexualidade no ensino médio: a escola auxiliando na prevenção da AIDS. **Saúde & Ambiente em Revista**, v.5, n.2, p.24-30, 2010.
- (14) BRÊTAS, J.R.S.; OHARA, C.V.S.; JARDIM, D.P.; et al. Conhecimento sobre DST/AIDS por estudantes adolescentes. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v.34, n.3, p.551-557, 2009.
- (15) DÜSMAN, E.; GÓIS, K.S.; PENNA, M.C.; et al. Conhecimentos e atitudes dos adolescentes da cidade de Maringá-PR a respeito de doenças sexualmente transmissíveis e métodos anticoncepcionais. **Revista de Saúde e Biologia**, v.4, n.1, p.12-20, 2009.
- (16) BRÊTAS, J.R.S.; OHARA, C.V.S.; JARDIM, D.P.; et al. Conhecimento de adolescentes sobre DST: subsídios para prevenção. **Acta Paulista de Enfermagem**, v.22, n.6, p.786-792, 2009.